

Carinho maternal na Faixa de Gaza

29/09/2016

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

A foto não é de hoje, mas de dois anos atrás. Ano da graça (ou da desgraça) de 2014. Tive acesso a ela há pouco tempo, pela internet, onde começou a circular novamente nas últimas semanas. E tanto me impressionou que aqui escrevo em homenagem à menina que tem sua infância roubada em meio aos horrores da Faixa de Gaza (ver no Google site “fotógrafos registam drama de crianças na guerra - o horror da Faixa de Gaza”).

Não sei seu nome, mas ele não é um só. É mais de um, são milhares, milhões, infelizmente estuprados em suas frágeis e jovens vida; desgraçadamente agredidos em sua inocência. Milhões de crianças que deveriam estar brincando despreocupadas e estão, ao contrário, sofrendo ataques que transformam em pó tudo aquilo que antes constituía o “habitat” delas. Pequenos e pequenas que correm o risco de serem incluídas nas tristíssimas estatísticas das mortes que povoam os fatos absurdos que ocorrem hoje no Oriente Médio, avançam pelo Ocidente e aportam na velha e civilizada Europa.

Você é uma de tantas, apesar de ser única. Ninguém possui este mesmo olhar, esta mesma beleza tiçada pelo sol e pela pólvora, esmaecida pela poeira que voa dos escombros que um dia foram seu lar, sua casa, sua cidade. Ninguém como você, apesar de ser irmã de infortúnio de tantas outras. E para marcar bem sua unicidade irrepetível você faz um gesto. Um gesto que eternizou na história sua refinada sensibilidade de criança.

Provavelmente muitas vezes sua mãe – ou qualquer outra pessoa chegada a você – quis proteger seus olhos dos horrores que aconteciam a seu lado e à sua volta. Talvez nessas ocasiões tenham posto sobre seus olhos inocentes a mão protetora poupando-os da visão da violência inclemente e contínua.

Não sei se você reproduziu esse gesto que lhe trazia um sentimento de conforto, de amparo contra o medo inexplicável e arrebatador que lhe tomava o coração e as entranhas. Seja essa ou não a verdadeira interpretação, em todo caso é a minha. Vendo sua mãozinha sobre os olhos da boneca que você certamente muito ama, isso intuí, pensei e rezei. Você quis poupar sua filha de celuloide daquilo que sua mãe um dia poupou você. Quis preservar sua inocência, impedindo-a de ver a morte campeando por todo lado e ceifando vidas de toda sorte, inclusive muitíssimas de crianças iguais a você.

Vedando a visão de sua boneca do que acontecia à sua volta, você talvez expressasse aquilo que tinha medo de ver. Não podendo defender-se, defendia a outra, de celuloide, não viva. Ou melhor, viva sim, mas apenas em seu coração e imaginação de criança. E por assim ser viva, digna de seu gesto de carinho.

Devemos à sensibilidade daquele ou daquela que a fotografou o testemunho desse carinho de mulher e mãe que brota instintivo da menina que você ainda é. A foto dá testemunho daquele instante em que você, com o mundo desabando, defende a vida, impedindo-a de ver a morte que parece vencer. Mesmo que essa vida fosse apenas de uma boneca.

Com a mão sobre os olhos da boneca, você não quer que ela veja aquilo que também não quer enxergar: as perdas trazidas pela violência, a morte de seres queridos, o desgoverno que prolonga indefinidamente absurdas guerras que ceifam vidas diariamente. Mais ainda: não quer que ela veja o futuro que talvez não virá para você, como não veio para muitas crianças e não virá talvez para muitas e mais outras.

Se este futuro não chegar, a boneca deixará de ter a mãe que é você. Deixará, portanto, de ser alguém vivo no coração e na imaginação de uma menina para ser um brinquedo quebrado e jogado em meio aos escombros de um lugar por onde passou a máquina mortífera da guerra. Nada há mais triste e melancólico que as fotos feitas após um bombardeio ou um ataque, onde só se veem - após a retirada dos corpos - ruínas semeadas de pés de

sapatos desemparelhados, brinquedos quebrados, objetos esfacelados. Restos tristes de um lugar que já foi cheio de vida e agora só exhibe destruição e desolação.

Não sei se você ainda vive, menina de quem não sei o nome. Se sim, estará mais crescida do que naquela foto. Talvez já não brinque tanto de bonecas. Mas seu rostinho assustado e choroso foi eternizado através das lentes de um fotógrafo sensível. Um comovente e desesperado gesto de carinho maternal que dá testemunho da teimosia da vida em meio ao avanço aparentemente inexorável da violência e da morte.